

A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO RIO GRANDE DO SUL: UMA ANÁLISE DOS ELEMENTOS IDENTITÁRIOS PAMPEANOS

LA FORMACIÓN HISTÓRICA DEL RIO GRANDE DO SUL: UN ANÁLISIS DE LOS ELEMENTOS IDENTITÁRIOS PAMPEANOS

Maria Eduarda Xavier Vilella¹

Rafael Balardim²

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo compreender os elementos históricos, econômicos, políticos, sociais e culturais sul-rio-grandenses que permitem uma relação identitária com as sociedades argentinas e uruguaias. Ainda que a região do Pampa seja considerada a mais militarizada e bélica da América do Sul, especialmente, durante o período colonial e pós-colonial, formou-se nas sociedades uma relação de proximidade diretamente ligada ao âmbito cultural. Por sua vez, essas relações internacionais regionais permitiram que o estado gaúcho constituísse como o elo para a integração regional do Brasil com a Argentina e o Uruguai. Desse modo, a presente pesquisa busca identificar o papel da história na formação dos elementos culturais identitários do Rio Grande do Sul com as sociedades argentinas e uruguaias.

Palavras-chave: Rio Grande do Sul; Formação histórica; Elementos culturais; Bacia do Rio da Prata.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo comprender los elementos históricos, económicos, políticos, sociales y culturales de Rio Grande do Sul que permiten una relación identitaria con las sociedades argentina y uruguaya. Aunque la región pampeana es considerada la región más militarizada y guerrera de América del Sur, especialmente durante el período colonial y pos-colonial, en las sociedades se formó una estrecha relación directamente vinculada a la esfera cultural. A su vez, estas relaciones internacionales regionales permitieron que el estado de Rio Grande do Sul constituyera el vínculo para la integración regional de Brasil con Argentina y Uruguay. Por lo tanto, la presente investigación busca identificar el papel de la historia en la formación de elementos culturales de identidad de Rio Grande do Sul con las sociedades argentina y uruguaya.

Palabras Clave: Rio Grande do Sul; Formación histórica; Elementos culturales; Cuenca del Río de la Plata.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP).

2 Professor de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Santana do Livramento.

1 INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Sul é um ator subnacional com grande relevância para o Brasil, principalmente, por sua experiência de integração regional. Sua história política, social, econômica e, principalmente, cultural traz grandes ensinamentos, em especial, para os agentes formuladores de políticas públicas. A região sul-rio-grandense é reconhecida por suas similaridades socioculturais com os países que fazem fronteira, Argentina e Uruguai, as quais foram construídas ao longo dos processos históricos. Dessa forma, as relações internacionais regionais fizeram com que o estado construísse com os países vizinhos diálogos de integração e cooperação em diversas áreas, sendo que a raiz dessas trocas é a cultura que atua como uma teia de significados (GEERTZ, 1978).

A partir disso, a presente pesquisa parte do seguinte pergunta-problema: qual o papel da formação histórica do Rio Grande do Sul no processo de compartilhamento dos elementos culturais do estado gaúcho com as sociedades argentinas e uruguaias? Para tanto, o objetivo geral é compreender quais são os elementos históricos, econômicos, políticos, sociais e culturais sul-rio-grandenses que permitem uma relação identitária com as sociedades argentinas e uruguaias. Quanto aos objetivos específicos, estes são: entender a formação histórica do Rio Grande do Sul; identificar os elementos pampeanos; e analisar o papel dos conflitos regionais para relações na Bacia do Rio da Prata. O presente trabalho foi desenvolvido a partir da sistematização do método científico, utilizando os procedimentos ordenados que possibilitam o domínio do saber. A abordagem desse trabalho é qualitativa em razão do foco principal ser a compreensão dos fatos e fenômenos relacionados ao objeto e não em preocupar com a representatividade e amostragem numérica dos mesmos (GERHARDT & SILVEIRA, 2009). Destarte, o intuito é focar nas dinâmicas que ocorrem com o objeto para que assim consiga-se explicá-las. Para o desenvolvimento deste trabalho contou com uma investigação histórica de caráter exploratório. Ademais, contou-se com uma revisão bibliográfica como meio de coleta de dados para o desenvolvimento da pesquisa, sendo utilizado, em especial, livros, artigos e periódicos.

Assim sendo, a pesquisa se estrutura da seguinte forma: a primeira seção traz os elementos geoestratégicos da região do Rio Grande do Sul; a segunda sessão apresenta um levantamento histórico da formação do estado gaúcho apontando as relações com as províncias espanholas; a terceira seção identifica os elementos de intersecção entre o Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai; e, por fim, a última seção expõe o papel dos conflitos bélicos na região para a consolidação das relações internacionais regionais.

Com essa estrutura, acredita-se contemplar as nuances que envolvem as semelhanças identitárias dos sul-rio-grandenses com os argentinos e os uruguaios.

2 OS ELEMENTOS GEOESTRATÉGICOS

A gênese do ser gaúcho ou gaudério advém de processos históricos que moldaram a tipologia humana dos indivíduos que viveram na região do atual estado do Rio Grande do Sul. Por um lado, os campos e a vida rural produziram sobre os sul-rio-grandenses a imagem do peão de bombacha montado a cavalo e, por outro lado, os conflitos limítrofes regionais propiciaram a face guerrilheira, viril e de superioridade do homem gaúcho (HOWES NETO, 2009). Em uma análise sociológica, identifica-se a presença de três elementos que esculpiram os estereótipos dos gaúchos, sendo eles: os sociais, pelos quais impuseram o caráter camponês aos gaúchos; os econômicos, ligados ao desenvolvimento das atividades ganhadeiras e a formação de estâncias; e os bélicos, os quais são vinculados às lutas militares travadas na região. A mescla desses fatores proporcionou o desenvolvimento cultural do extremo sul brasileiro de maneira singular em relação às demais unidades federativas e, conseqüentemente, mais próxima com os países vizinhos.

O nativismo³ gaúcho traduz a um retrato regionalista e, por vezes, bairrista do território do Rio Grande do Sul. Segundo Lessa (1985), há poetas que descrevem o formato do mapa político do estado como uma pegada de casco de cavalo, aludindo os campos pampeanos e a forma de organização social dos gaúchos, enquanto nas canções, danças e melodias há a menção que a forma é de um coração, demonstrando o regionalismo do gaúcho. Contudo, a forma e a constituição do território ultrapassam as simbologias carregadas de sentimentos, constituindo, em especial, uma posição estratégica tanto a nível local (regional) quanto mundial.

O estado sul-rio-grandense é uma das unidades federativas do Brasil com maior disponibilidade de águas superficiais em razão de sua malha hidrográfica que é composta pela: Bacia do Uruguai que abrange cerca de 57% da área total do estado; Bacia do Guaíba com cerca de 30%; e a Bacia Litorânea com 13% (RIO GRANDE DO SUL, 2020). Tanto em números absolutos quanto em relativos, a Bacia do Uruguai é a mais importante, já que ela

3 Por nativismo entende-se o sentimento positivo que os indivíduos de determinadas localidades têm pelo local em que nasceu. No Rio Grande do Sul o nativismo pode ser utilizado como sinônimo de duas expressões típicas, sendo elas: o pago fazendo referência a localidade em que se nasceu; e a querência para referir ao lugar em que se vive (LESSA, 1985).

se encontra com a Bacia do Paraguai e do Paraná compondo a 4ª maior bacia hidrográfica do mundo, a Bacia do Prata, cujo representa a segunda maior do Brasil e promove o desenvolvimento de atividades agrícolas, pecuárias e agroindustriais.

Ainda em termos de hidrografia, o estado está localizado sobre o segundo maior manancial de água doce subterrânea transfronteiriço do mundo, o Aquífero Guarani. A área total do aquífero é de aproximadamente 1.196.500 km², sendo sua distribuição espalhada nos países que compõem o Cone Sul. De acordo com Ribeiro (2008), a Argentina possui aproximadamente 225.500 km², o Paraguai 71.700 km², o Uruguai 58.500 km² e o Brasil com 840.800 km². A distribuição das reservas subterrâneas brasileiras está dispersa em oito unidades federativas e o Rio Grande do Sul possui em relação aos outros estados a segunda maior fatia do aquífero, representando cerca de 157.600 km². Ou seja, a parcela gaúcha das reservas subterrâneas do Aquífero Guarani corresponde a aproximadamente 121% do total das reservas paraguaias e uruguaias juntas e a cerca de 70% do total das argentinas.

Em relação a paisagem, o Rio Grande do Sul é constituído pelos biomas da Mata Atlântica e do Pampa. O primeiro é marcado pela presença de vegetação florestal ocupando cerca de 37% do território do estado. Já o segundo, marcado por planícies sendo sua ocorrência “estrita ao Rio Grande do Sul, ocupando a metade sul do estado, aproximadamente 63% do território gaúcho, estendendo-se também pelo Uruguai e Argentina” (RIO GRANDE DO SUL, 2020, p. 44). Além disso, o estado possui as maiores reservas de carvão mineral do país, concentrando, segundo Soares, Santos e Possa (2008), cerca de 78,65% do total disponível e, consequentemente, sendo o maior produtor brasileiro. Devido a presença de carbono na região, as terras do Rio Grande do Sul possuem bons índices de fertilidade, propiciando o cultivo de lavouras tanto tropicais durante o verão quanto de clima temperado no inverno, possibilitando uma produção agrícola variada.

Esses elementos naturais que envolvem a região fazem com que a integração regional se torne um fator estratégico, visto que há interesses comuns entre os atores que devem ser defendidos. Dessa forma, ainda o foco deste trabalho seja a cultura que ao tecer as populações as tornam mais semelhantes, é necessário considerar o peso que a geopolítica da região apresenta, uma vez que isto determinou consideravelmente as dinâmicas no passado e tendem, cada vez mais, ser pauta das agendas de cooperação regional.

3 A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO RIO GRANDE DO SUL

Em termos históricos, pode-se dizer que as coordenadas geográficas do estado foram determinantes para a evolução dos acontecimentos políticos, uma vez que permitiram uma maior aproximação transfronteiriça e a um relativo isolamento com as demais regiões brasileiras. Tal proximidade do Rio Grande do Sul com os países vizinhos por muito tempo não foi enxergada positivamente, promovendo a denominação de “este país vizinho e amigo do Sul” (OLIVEN, 1989, p.1). Essa expressão foi utilizada por brasileiros de outros estados como modo de explicitar as diferenças da região com o restante do Brasil. No entanto, em determinadas circunstâncias, a expressão serviu para indicar aversão à proximidade dos gaúchos com as nações vizinhas – Argentina e Uruguai. Desse modo, os elementos da geografia física propiciaram o condicionamento do envolvimento sul-rio-grandense com as dinâmicas nacionais, que, por consequência, implicaram nas relações internacionais culturais.

A integração da região ao Império português foi tardia quando comparada com as outras regiões do país. De acordo com Oliven (1989), a capitania do Rio Grande de São Pedro ficou isolada do Brasil durante aproximadamente dois séculos por motivos de dificuldades de acesso do centro ao extremo sul da colônia. Além disso, a região platina erroneamente era considerada “uma zona deserta e aparentemente desprovida de recursos econômicos” (MURADÁS, 2008, p.160). Assim, para a Coroa, o extremo sul do subcontinente não apresentava a possibilidade de retorno econômico, diferentemente das regiões do nordeste e sudeste brasileiro, as quais desenvolveram atividades com elevados ganhos financeiros para a metrópole.

O desenrolar da história do estado foi moldada por fatores econômicos, os quais iniciaram em meados do século XVI com a “descoberta” da região. Entretanto, o interesse pelas terras gaúchas veio somente no século seguinte com a possibilidade de exportação⁴ de couro para Europa a partir da preia⁵ do gado xucro (OLIVEN, 1989). Por conseguinte, as planícies, o clima temperado e a alta fertilidade dos solos fizeram com que na virada do século XIX para o XX a região se transformasse em uma “moderna fábrica de alimentos” (DJENDEREDJIAN, 2008, p.130) com potencialidade de abastecimento tanto para a metrópole portuguesa quanto para as províncias vizinhas espanholas por meio dos contrabandos. Destarte, dois estereótipos dos gaúchos começavam a ser moldados, o camponês e o peão.

Embora a visão da Espanha fosse que o sul não possibilitava retorno

4 Prática realizada pelas colônias espanholas de Buenos Aires e Sacramento (OLIVEN, 1989).

5 Prática que envolve a captura do gado para alguma finalidade comercial.

econômico, tais como a região do Peru e da Bolívia, o despertar de interesse português na região não foi entendido como algo positivo, uma vez que de acordo o Tratado de Tordesilhas assinado em 1493 a região do atual estado do Rio Grande do Sul era de posse espanhola. Conforme Luvizotto (2009), a partir do século XVII a região passou ser palco de disputas territoriais conduzidas pelo Império da Espanha, o qual possuía a província de Buenos Aires como sede e o Império de Portugal, sediado no Rio de Janeiro. Assim, o território sul-rio-grandense era a separação entre os Impérios e, sobretudo, uma região-limite cujo tornou-se o epicentro de interesses e conflitos entre as duas Coroas. Isso permitiu a configuração do outro estereótipo dos gaúchos, as questões bélicas, já que a posição geográfica do estado permitiu a configuração da região como uma “fronteira quente”, servindo de local para os embates militares, guerras e negociações diplomáticas (LUVIZOTTO, 2009). Desse modo, os pampas – argentino, gaúchos e uruguaios – foram espaços de contestação em sua gênese, sendo, inicialmente, em decorrência dos marcos legítimos das terras e, posteriormente, por questões de anexações e independências.

Para Portugal, que tinha seus limites territoriais demarcados até o extremo sul do subcontinente sul-americano, era importante a extensão em direção ao Rio Uruguai. A razão era que, em virtude da falta de controle espanhol com as colônias, desenvolveu-se o contrabando de mercadorias, os quais eram escoados, em sua maioria, pela Bacia do Rio da Prata. Destarte, o governo português ao expandir seus domínios também “estava interessado em participar do comércio local” (MURADÁS, 2008, p.161). Assim, gestava um dos principais elos naturais dos gaúchos com os argentinos e uruguaios, o compartilhamento da Bacia do Rio da Prata.

Os primeiros assentamentos de portugueses na região iniciaram por meio da penetração nos campos dos pampas sob a crença de que tais terras eram de ninguém, ou seja, desconsiderando os indígenas que ocupavam aquelas terras há cerca de 12 mil anos. Segundo Luvizotto (2009), por volta de 1625 que os portugueses enviaram expedições de interiorização para a região e permitiram a instalação de jesuítas na região atual sul-rio-grandense. Entretanto, em meados de 1641, os jesuítas foram expulsos da região pelos paulistas (bandeirantes)⁶ e, como consequência, estes aprisionaram os indígenas catequizados e os comercializaram como escravos, porém os rebanhos de gado ficaram na região.

A partir de então, os gados se criaram sozinhos e livres pelos pam-

6 Os paulistas, também chamados de bandeirantes, não tinham uma boa relação com os jesuítas, porque estes denunciavam a escravidão dos indígenas e apoiavam a centralidade do poder nas mãos da Igreja, o que era errado para os paulistas.

pas, tornando-se animais selvagens e bravios e, por conseguinte, marcando um dos traços típicos dos indivíduos que nascem no Rio Grande do Sul, a relação com estes animais e com os campos. Passando-se uns quarenta anos, os padres jesuítas retornam a região e consigo trouxeram novamente os indígenas catequizados, outra figura importante para a formação cultural da região. Como atividade econômica, os missionários encontraram o gado europeu que haviam desenvolvido livremente ao longo das décadas. As condições físicas como o clima e vegetação somadas à disponibilidade de gados soltos e sem donos, propiciou a utilização destes animais para alimentação das comunidades de missionários e indígenas, bem como para a extração dos couros bovinos (LUVIZOTTO, 2009).

Entretanto, segundo Muradás (2008, p.169), outro elemento fundamental para o assentamento de pessoas na região foi a descoberta do ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, em 1695, que “provocou uma grande movimentação econômica no mundo colonial, desencadeando o movimento demográfico para a região de mineração”. Desse modo, havia-se uma necessidade da metrópole em formar uma rede de logística e de fornecimento de alimentos capazes de promover o sustentamento do desenvolvimento das atividades no centro da colônia. Logo, a região sul com disponibilidade de terras, gados e fertilidade nos solos tornou-se um espaço propício para o fornecimento dos insumos necessários para o abastecimento das outras regiões. Além disso, na época, as províncias espanholas possuíam mulas e cavalos, o que, estrategicamente, tornava o atual estado do Rio Grande do Sul ainda mais interessante por conta de sua curta distância com tais regiões.

Desse modo, primeiro, Portugal tratou de adquirir as mulas das províncias espanholas para permitir o traslado do extremo sul ao centro de sua colônia. Posteriormente, em meados de 1700, o governo português construiu juntamente com os tropeiros e as estâncias que foram formadas na região, estradas para a ligação da criação de gado com os pontos centrais da metrópole (MURADÁS, 2008). Por conseguinte, a região do estado do atual Rio Grande do Sul:

[...] desempenhou duas funções importantes desde o início de sua ocupação. A primeira foi a de ser um local estratégico que garantia a presença portuguesa junto às áreas de colonização espanhola. A segunda, e não menos importante, foi a de fornecer alimentos e outros bens para as demais regiões do País (DANACAL, 1992 *apud* LUVIZOTTO, 2009, p. 16).

Assim, nasceram as primeiras iniciativas de comercialização entre as duas colônias que, naquele momento, eram em caráter ilegal, já que se tratava do mercantilismo cujo todos os recursos e bens eram de propriedade da metrópole colonial. O comércio de animais de transporte praticado pelas províncias coloniais espanholas para a colônia portuguesa do Rio Grande do Sul se deu em decorrência da decadência da mineração no Peru e na Bolívia, possibilitando uma grande oferta de mulas e cavalos. Desse modo, de um lado, Portugal necessitava de meios de transportes para o abastecimento das atividades mineradoras e, por outro, as províncias ao sul do Império espanhol possuíam disponibilidade de tais recursos, configurando o contrabando colonial da Bacia da Prata entre os tropeiros gaúchos com os argentinos e uruguaios.

Como mencionado anteriormente, a região ocupada pelos portugueses, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, não pertencia a Portugal, mas sim a Espanha. Entretanto, com o assentamento de pessoas e o desenvolvimento de atividades econômicas na região, iniciava indiretamente o recurso do Direito Internacional do princípio de *uti possidetis*⁷, que, posteriormente, foi utilizado por Portugal para defender sua posse no território ocupado. Nesse sentido, segundo Oliven (1989), a própria utilização dos gados para consumo e extração de couro tornou-se estratégica, já que permitiu a formação de estâncias e sedentarização dos tropeiros, sustentando o domínio português sobre o território. Deste modo, em 1750, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Madrid, firmando o domínio e posse da região dos Sete Povos das Missões ao império português, baseando-se nos assentamentos jesuítas firmados no território.

Mesmo após a posse efetiva de Portugal sobre a região, as atividades econômicas permaneceram ligadas aos campos dos pampas. Segundo Luvizotto (2009), a criação de gados e o desenvolvimento das atividades agrícolas permitiram a inserção do Rio Grande do Sul dentro da lógica econômica da colônia portuguesa, recebendo grande importância, principalmente, por abastecer as outras regiões que sofriam com o aumento dos preços dos alimentos em razão da mineração. A dinâmica econômica colonial passou a ser do sul para o sudeste, permitindo uma complementaridade e integração da região com o restante do Brasil, bem como produzindo a legitimação da expansão portuguesa de seus territórios (MURADÁS, 2008). Os rebanhos gaúchos tornaram-se para os proprietários de terras um negócio rentável que, com o passar do tempo, desenvolveu novas tecnologias para a conser-

7 Princípio do Direito Internacional que privilegia a posse das terras para aquele que possui a ocupação de fato do território (LIMA, 2017).

vação das carnes, o charque⁸, já que os percursos da exportação - embora interna - eram longos e poderiam estragar os alimentos. Um fato importante sobre as terras sulistas, diferentemente das outras capitanias, é que estas não foram distribuídas entre proprietários. Segundo Muradás (2008), a razão é que, para o Rei Dom João, dividir provocaria a Coroa espanhola, optando por evitar conflitos.

Para além da pecuária, a agricultura também se consolidou como atividade econômica na região, propiciada, em especial, pela participação da cultura indígena, a qual protagonizou o plantio de erva-mate, sendo considerada, na atualidade, como “uma herança dos índios guaranis” (LUVIZOTTO, 2009, p. 20). Contudo, as plantações inicialmente foram utilizadas como atividade econômica complementar a criação de gados. A intensificação da agricultura se deu com a chegada de imigrantes europeus, os quais se depararam com os fatores físicos e climáticos e dedicaram a maior diversidade de plantios, como o cultivo de arroz, soja, trigo e grão em geral. Em resumo, o território sul-rio-grandense configurou para o Império português mais que região-limite entre os Impérios ibéricos, mas sim em uma gama de oportunidades, tais como: a possibilidade de criação de porto de livre comércio com as províncias vizinhas; acesso a navegação do Rio da Prata; apropriação dos recursos pecuários dos pampas; a própria expansão territorial a partir da desestabilização do domínio espanhol da região platina; e a viabilidade de participar do comércio ilícito (contrabando) das colônias espanholas realizadas na região (MURADÁS, 2008).

Por sua vez, a dinâmica produtiva regional voltou-se para o setor agropecuário, observando as capacidades e disponibilidade de recursos do território. Sob esses condicionantes, os indivíduos sul-rio-grandenses passaram a ter um estreito contato com a agricultura e a pecuária, moldando a definição de agricultor e colono, os quais se inseriram no ideário social do ser gaúcho ou gaudério para parte de seu estilo de vida (DJENDEREDJIAN, 2008).

4 OS ELEMENTOS PAMPEANOS

A estrutura social sul-rio-grandense é composta por características regionais que permitiu e permite, na atualidade, uma diferenciação das pessoas que nasceram na região com as de outras localidades do país. Para

8 “Carne de gado salgada e secada ao ar livre, em grandes pedaços chamados de manta. No resto do país equivale a carne de sol, carne do sertão, carne seca, carne velha, jabá. Mas, no Rio Grande do Sul, também pode ser chamado de charque de vento e charque doce – aquele, preparado nas estâncias, para consumo rápido, sem muita exposição ao sol; este, secado ao sol, mas sem sal ou minimamente salgado” (SCHLEE, 2019a, p. 234).

Oliven (1989, p.3), essa diferenciação é fruto dos processos históricos ocorridos no Rio Grande do Sul que inseriram no pensamento da elite gaúcha um sentimento de superioridade política advinda de suas experiências com a guerra, bem como pela própria “capacidade de mando e a prática da organização de grandes massas humanas”. Por outro lado, Oliveira (2007) *apud* Almeida e Grossi (2019, p.4), argumenta que os brasileiros de outros estados criaram o estereótipo que o gaúcho é um “ser heróico, ativo, corajoso; impiedoso na defesa de altos ideais, justo”. Destarte, na atualidade, essas imagens dos sul-rio-grandenses corroboram para os processos de integração regional do estado com os países vizinhos.

Uma das principais imagens construída na história dos pampas, é o tropeiro. Segundo Muradás (2008, p. 175), a figura do tropeiro é de fundamental importância para a compreensão do passado, visto que seu trabalho fez com que fosse “levando o idioma português, a ideia integradora, a vontade de expansão e o novo costume. Unifica o território e a cultura. Cria a brasilidade”. Seu papel coincide com as políticas públicas voltadas para a integração regional de uma forma indireta e sutil. Assim:

O tropeiro foi importante, pois além de conduzir as tropas, eles passaram exercer as mais variadas funções como: o abastecimento da região mineradora e outras; a ocupação da região interior do Brasil, contribuindo para consolidar o domínio português; contribuição na movimentação econômica da colônia; intercâmbio cultural do Rio Grande do Sul com o Brasil; funcionavam como correio, levando e trazendo notícias entre os pontos de pouso e povoados; intermediavam negócios entre os comerciantes (MURADÁS, 2008, p. 176).

Desse modo, a ideia de unir a região dos pampas por questões geoestratégicas, quiçá, foi gestada nas ideias dos próprios tropeiros, os quais, em sua grande maioria, não nasceram no território sul-rio-grandense, mas que com o intenso traslado entre as regiões centrais da colônia portuguesa e as províncias espanholas, desenvolveram as relações internacionais culturais platinas.

Estes agentes possibilitaram as trocas comerciais e culturais que somadas à posição geográfica do estado permitiu com que os gaúchos compartilhassem elementos comuns com os argentinos e os uruguaios. Isto, para alguns, não é algo positivo, levando com que os gaúchos, por vezes, são referidos como “sulistas” como forma não de especificar que estão ao sul do país, mas sim que são uma unidade federativa mais próxima dos países vi-

zinhos do que do próprio Brasil. Para o escritor Erico Verissimo⁹, essa ideia deve ser superada, visto que:

No século XVIII, quando soldados de Portugal e Espanha disputavam a posse definitiva deste então “imenso deserto”, tivemos de fazer a nossa opção: ficar com os portugueses ou com os castelhanos. Pagamos um pesado tributo de sofrimento e sangue para continuar deste lado da fronteira meridional do Brasil. Como pode você acusar-nos de espanholito? Fomos desde os tempos coloniais até ao fim do século um território cronicamente conflagrado. Em setenta e sete anos tivemos doze conflitos armados, contadas as revoluções. Vivíamos permanentemente em pé de guerra. Nossas mulheres raramente despiam o luto. Pense nas duras atividades da vida campeira – laçar, domar e marcar potros, conduzir tropas, sair para a faina diária quebrando a geada nas madrugadas de inverno – e você compreenderá por que a virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho (VERISSIMO, 1994, p. 242).

Este trecho dos escritos de Erico Verissimo é de suma importância para a compreensão do ponto de vista gaúcho sobre os fatos históricos. Haja vista que, a maioria dos acontecimentos da história brasileira são reportados a partir da perspectiva do poder central da época que, nesse caso, era o Império português. Assim, as palavras do escritor refletem questões importantes sobre a própria historiografia social do estado, bem como as percepções locais sobre as semelhanças culturais dos gaúchos com os argentinos e uruguaios.

Para Oliven (2021), com esse trecho é possível identificar elementos do estado, tais como: o caráter social que a fronteira denota ao estado; a opção por Portugal ao viés da Espanha; o preço pago por essa escolha; a configuração da figura do gaúcho como um ser forte e campeiro; e a própria originalidade dos costumes e comportamentos sociais dos sul-rio-grandenses. Sob esse último ponto, é necessário esclarecer uma questão antes de adentrar nas semelhanças do estado com a Argentina e o Uruguai. O Rio Grande do Sul assim como qualquer outro ator possui características culturais *sui generis* que ainda que se estabeleça uma relação de proximidade com outros povos e regiões, são originais e únicas do estado ou de determinada localidade. Assim, a cultura gaúcha, ainda que seja similar, em alguns aspectos, com a argentina e a uruguaia, possui elementos próprios que mesmo nas semelhanças, há diferenças. Desse modo, toda e qualquer relação de

9 Romancista urbano, natural de Cruz Alta, Rio Grande do Sul.

comparação que esta pesquisa estabeleça entre ditas culturas, é observando de um modo geral e não adentrando as particularidades de cada uma, visto que cada qual vai se configurar de acordo com os seus meios.

A música “Pampa” interpretada pelo cantor pelotense, Joca Martins, retrata bem o multiculturalismo presente no bioma pampa. No início da letra da canção é expresso que a região tem “três nomes, três brasões pra mesma terra” e, em seguida, é dito que “somos um só nesta pampa, mas se contam três”, a estrofe finaliza com o questionamento “por que se contam três?” (BAUEN, HARDEN, 2008). Esta música é um exemplo do diagnóstico nativista das semelhanças culturais com os povos argentinos e uruguaios. Posto isso, se faz necessário indagar: em quais momentos a história do Rio Grande do Sul se cruza com a formação da Argentina e do Uruguai?

Em primeiro lugar, destaca-se que a colonização do sul da colônia espanhola foi relativamente diferente da colonização portuguesa que, segundo Real de Azua (1984), foi marcada pela escassez de mão de obra escrava (negra). Desse modo, tanto a colonização da Argentina quanto do Uruguai observou características naturais, como a existência de planícies e clima temperado. Nesse sentido, assim como os jesuítas espanhóis voltaram para as terras do atual Rio Grande do Sul e encontram os gados criados livres e sem dono uma oportunidade de atividade econômica, o mesmo ocorreu com os argentinos e uruguaios.

O segundo ponto é a formação econômica desses territórios. Segundo Maeder (2018), a economia da Argentina é marcada pela criação de rebanhos cujo representou um grande desenvolvimento com criações de gado bovino, equinos, ovinos e caprinos. O Uruguai, por sua vez, desenvolveu uma espécie de “economia de enclave”¹⁰ com a exportação de carne bovina. Destarte, a pecuária se consolidou como uma característica do sul do subcontinente da América do Sul, haja vista que as condições físicas permitiram não somente uma boa adaptação dos animais, como também a multiplicação dos mesmos. O cronista Martin Orné escreveu, em 1573, que “são tantos bovinos, caprinos, ovinos, éguas e porcos que hoje é preciso mantê-los longe da cidade, porque estão crescendo, se Deus quiser” (IN-CHAUSPE, 2011, p. 40, tradução nossa). Desse modo, a primeira forma de constituição da integração da região platina foi por meio das condições naturais intrinsecamente independentes da ação humana – a existência dos campos e dos gados.

10 É um conceito utilizado dentro da área da Economia para referir ao sistema econômico que se desenvolve por meio de investidores estrangeiros com o intuito de gerar produtos voltados para a exportação. Esse modelo é característico de países dependentes, como é o caso da maioria dos países latino-americanos devido ao processo de colonização.

Em terceiro lugar, destaca-se as condições físicas propícias para o desenvolvimento das atividades econômicas, visto que havia abundância de pastos, água potável, abrigos, clima temperado e salinidade apropriada. Desse modo, de acordo com Azua (1984), a fonte de riqueza e potencialidade de crescimento econômico para o início do assentamento de pessoas foi a própria multiplicação dos gados. Os argentinos e uruguaios assim como os gaúchos passaram a criar estes animais que:

[...] se constituirão uma parte substancial da economia de cada cidade e não apenas no uso de carne e leite, mas também de gordura, sebo e couro; no caso dos ovinos e caprinos, lã e couro. Cavalos e éguas, e mais tarde mulas, serão essenciais para transporte e segurança, e bois para lavar a terra e transporte. (MAEDER, 2018, p. 154, tradução nossa).

A reprodução dos animais possibilitou o desenvolvimento das atividades econômicas voltadas tanto para o consumo local quanto para a comercialização com outras regiões. Desse modo, a criação de gados se configurou como um importante indicativo da construção da identidade comum na região, uma vez que a partir desta os indivíduos desenvolveram uma relação social com os campos que, conseqüentemente, influenciou em seus hábitos e formas de vida baseadas no mundo rural (MAEDER, 2018).

Por outro lado, a pecuária possibilitou a identidade regional em torno de alguns costumes, como o preparo da carne assada, o famoso churrasco no Rio Grande do Sul e *parrillada* na Argentina e no Uruguai. Segundo Zamberlan *et al* (2009, p. 9), esse prato é um elemento cultural associado aos gaúchos, argentinos e uruguaios cujo recebe grande relevância em “momentos de alegria, de relacionamento familiar, de amizade e descontração, ou seja, o alimento exercendo, também, uma função psicossocial”. De acordo com os levantamentos históricos, a origem do churrasco ou *parrillada* remonta os campos dos pampas, visto que, conforme mencionado anteriormente, o gado era criado solto e livre, permitindo as vacarias¹¹ e o preparo de carnes em buracos abertos no chão (ZAMBERLAN *et al*, 2009). Segundo o dicionário da cultura pampeana sul-rio-grandense, embora o churrasco seja uma comida típica campeira da região dos pampas, este é diferente entre os gaúchos, argentinos e uruguaios. O modo sul-rio-grandense é colocar a carne em espetos na direção horizontal sobre as brasas, já à moda argen-

11 “Ações desenvolvidas no período de tempo em que predominava a procriação natural de gado bovino no Pampa (a partir do séc. XVI – e especialmente no séc. XVII), e os animais sem dono ou de donos desconhecidos eram caçados e capturados livremente, a campo aberto” (SCHLEE, 2019b, p. 913).

tina e uruguaia, a *parrillada*, a carne é posta em uma grade sobre as brasas (SCHLEE, 2019b).

A agricultura assim como desempenhou um papel fundamental para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul foi também na Argentina e no Uruguai, sendo este outro ponto elemento de ligação regional. Inicialmente, o produto que recebeu destaque foi a erva-mate, configurando como um elo entre os pampas devido ao intenso consumo dos povos banhados pelo Rio da Prata. Posteriormente, a produção de cereais, legumes e hortaliças também cresceu dentro do setor agrícola. Contudo, dentre o rol de produções agrícolas na Argentina, há que ressaltar o cultivo da erva mate e do algodão, já que:

A primeira, como se sabe, oferece uma bebida que os Guaraní conhecem desde a antiguidade. Com o passar do tempo, o consumo do mate foi introduzido em toda a sociedade colonial e seu uso se espalhou para fora do Paraguai para chegar ao mercado do Chile e do Alto Peru. [...] O algodão, por sua vez, também tinha especial importância, pois de suas fibras que as índias fiavam e os homens teciam nos teares do segundo pátio da escola, eram feitas diferentes variedades de telas. A maior parte era destinada às roupas dos índios, mas, como no caso anterior, restava uma certa quantia para troca (MAEDER, 2018, p. 235, tradução nossa).

Entretanto, o cultivo da erva mate é de ocorrência estritamente da Argentina e do Rio Grande do Sul, como pode ser observado na imagem abaixo. Apesar disso, o consumo do produto espalhou-se entre os povos da Bacia do Rio da Prata, sendo utilizado, segundo Zamberlan *et al* (2009), tanto para fins digestivos e estimulantes quanto para a promoção de interação social em diversos momentos.

Figura 03: Área de ocorrência da erva-mate silvestre



Fonte: Mayer (2018), adaptado.

Ainda que se considere as semelhanças entre os argentinos, gaúchos e uruguaios em relação ao consumo do chimarrão ou *mate*, há diferenças entre estes quanto aos costumes. De acordo com o dicionário pampeano sul-rio-grandense (2019), os sul-rio-grandenses consomem a erva mate em uma cuia, sendo passada de mão em mão da direita para a esquerda, na maioria das vezes, consumida em grupo. No Uruguai, o mate é servido em um recipiente menor em comparação com a cuia gaúcha, sendo consumido em grupo ou isoladamente. Já na Argentina, a cuia é ainda menor e é de uso individual. Sem embargo, o chimarrão ou *mate* é um elemento cultural típico do sul do subcontinente sul-americano, utilizado também para aquecer das baixas temperaturas no inverno. De todo modo, a erva-mate é um grande elemento aglutinador das culturas do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai.

Para além da pecuária, do consumo de churrasco ou *parrillada* e do chimarrão, o contato cultural entre os gaúchos, argentinos e uruguaios construiu outros elementos comuns, tais como a formação do portunhol¹²,

12 “Forma comum de expressão oral (raramente escrita) que – na fronteira do Brasil com o Uruguai e a Argentina – mistura palavras do português e do espanhol” (SCHLEE, 2019b, p. RIHGRGS, Porto Alegre, n. 165, p. 77-103, dezembro de 2023).

as vestimentas e os estilos musicais e/ou dançantes. Sem embargo, a cultura platina tanto a argentina e uruguaia quanto a gaúcha, por vezes, é interpretada como estritamente influenciada pelos espanhóis, porém, Azua (1984), destaca que muitos elementos são de influência da cultura indígena, como o poncho, o *mate*, a bota, chiripá e o churrasco (ou *asado*).

O contato e o intenso intercâmbio entre as populações produziram a mistura linguística entre o português e o espanhol cujo tem grandes ocorrências nas fronteiras do Brasil com o Uruguai. Esse é o portunhol que, segundo Sturza (2019, p. 96), não pode ser caracterizado como um idioma, mas sim como “nomeação ou uma designação”, constituindo a partir da “situação de contato”. Entretanto, embora o surgimento do portunhol foi na região platina, é importante recordar que:

A história entrelaçada do português e do espanhol remonta à divisão geográfica dada pelos romanos à Península Ibérica durante seu domínio. A delimitação geopolítica, a partir dos movimentos de Reconquista, que levaram à configuração dos limites territoriais de Portugal, não apagou a história comum nem o parentesco das línguas predominantes nesses três domínios. Da mesma maneira, no novo mundo a conquista de novas terras dividiu os domínios de Espanha e Portugal, e novamente lusos e castelhanos se colocaram na disputa pelos limites territoriais. As fronteiras definiram-se, as línguas foram oficializadas, no entanto, a porosidade das fronteiras recoloca a proximidade linguística como problema, mas também como recurso. Herda-se, assim, línguas já nomeadas e carregadas de histórias e memórias (STURZA, 2019, p. 102).

Desse modo, o portunhol se configura como uma maneira das populações locais comunicarem entre si, mesmo tendo cada qual sua própria língua. Sem embargo, cada região possui suas variações que são determinadas pelas interações sociais, as quais abrangem funções desde fronteira até a de interlíngua. Ademais, Tatsch (2011), aponta que as intensas disputas territoriais e a vinda de imigrantes para o estado gaúcho, contribuíram para a circulação de palavras e expressões que foram determinantes para a formação linguística do portunhol.

No âmbito musical, destaca-se três gêneros que possuem laços da cultura platina. O primeiro deles é a milonga que constitui como uma manifestação cultural de predominância na Argentina, Uruguai e Rio Gran-

de do Sul, sendo sua origem motivo de contestação até os dias atuais. Para Nunes e Jesus (2019, p. 3), este estilo está relacionado “à música, à dança, ao espaço utilizado para prática de dança e, também, a eventos sociais”. A milonga entrelaça as três culturas da Bacia do Rio da Prata, sendo possível a visualização de seus traços no folclore uruguaio, no tango argentino e, principalmente, na dança gaúcha. De acordo com Ayestarán (1967) *apud* Nunes e Jesus (2019), tais influências culturais devem-se ao fato de que, muitas vezes, o mapa político não é o mesmo que o mapa cultural.

O malambo é outro estilo musical de relevância nos pampas que nasceu na Argentina, muito embora o Uruguai também reivindique o direito sobre a sua origem. Segundo Pacheco (2021), o estilo trata-se de uma dança individual que utiliza do conjunto de sons produzidos pelo sapateio, batidas e movimentos dos pés. De acordo com Novelli (2015), o malambo surgiu com os tropeiros da região dos pampas que utilizavam o sapateio para tocar os rebanhos de gado. Assim, o estilo musical bem como o churrasco e o chimarrão é um elemento regional dos pampas e conta com uma mescla cultural das fronteiras (NOVELLI, 2015).

Por fim, ainda dentro do âmbito musical, pode-se citar o chamamé. O chamamé é um ritmo musical que tem origem na Argentina, mas que se espalhou pelo Brasil e Paraguai. O nome do estilo musical “não é nem guarani e nem espanhol, não há uma tradução para chamamé. Para os argentinos, chamamé significa ‘senhora ama-me’. No Brasil, a palavra tem o significado de ‘chama-me para bailar’ ou ‘aprochegar-se de mim’ (RIO GRANDE DO SUL, 2011, s.p.). Assim, o chamamé apresenta como um estilo folclórico que reúne elementos da cultura indígena guarani, afro-americana e europeia.

Outro ponto que entrelaça a cultura argentina, gaúcha e uruguaia são as vestimentas. De acordo com Fagundes (1985, p.6) *apud* Saleh (2015), o estilo de vida dos povos que viveram e vivem na região dos pampas determinou a indumentária de suas vestimentas, sendo estas uma mescla entre os ibéricos com indígenas. Atualmente, encontra-se a bombacha¹³ como símbolo do meio social que os pampeanos estão inseridos. Essa peça é utilizada, principalmente, para a realização de trabalhos nos campos, mas, sobretudo, para demonstração de tradicionalismo regional. A famosa bombacha sofreu uma evolução ao longo dos séculos, porém continua sendo uma das principais vestimentas dos indivíduos que moram em campanha¹⁴ no Rio

13 “Calça comprida, de tecido variado, ajustada na cintura e cadeiras, 161 muito folgada nas pernas e abotoada no tornozelo, cujo uso é corrente na campanha” (SCHLLE, 2019a, p. 160).

14 “O campo, em oposição à cidade. A região compreendida pelas planícies onduladas do pampa, incluindo parte da Argentina, todo o Uruguai e a metade sul do Rio Grande do Sul”

Grande do Sul, Argentina e Uruguai.

O poncho é outra vestimenta utilizada pelos campeiros pampeanos, servindo segundo o dicionário pampeano (2019), para agasalhar contra o frio, o vento e a chuva. Conforme Garavaglia (2002), a indumentária apresenta uma rica história que envolve a cultura rioplatense, embora sua origem advenha dos mapuches. Desse modo, o poncho tornou-se um “um marco que mais tarde seria característico das trocas fronteiriças entre os crioulos e os pampeanos indígenas”(GARAVAGLIA, 2002, p.188, tradução nossa). Destarte, tal vestimenta está presente no Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai.

Conforme discutido na seção anterior, uma das primeiras relações comerciais realizadas pelo Império de Portugal com as províncias de Buenos Aires e Montevideu foi a compra de animais que, para o Império da Espanha, era considerado contrabando. Nas Américas antes da chegada dos espanhóis e portugueses não havia presença de cavalos, sendo a introdução desses animais datada a partir da segunda viagem de Cristóvão Colombo. No Brasil, a presença de equinos limitou-se às regiões sudeste e nordeste devido às atividades econômicas desenvolvidas. Contudo, foi nos pampas que os cavalos assim como os gados encontraram seu habitat ideal, especialmente, devido às extensões territoriais disponíveis. Destarte, na região houve a formação de uma raça específica do sul da América, o crioulo, os quais:

[...] tem sua origem nos equinos Andaluz e Jacas espanhóis, trazidos da península ibérica no século XVI pelos colonizadores. Estabelecidos na América, principalmente na Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Peru e sul do Brasil, muitos desses animais passaram a viver livres, formando manadas selvagens que, durante cerca de quatro séculos, enfrentaram temperaturas extremas e condições adversas de alimentação. Essas adversidades imprimiram nestes animais algumas de suas características mais marcantes: rusticidade e resistência (ABCCC, 2022, s.p.).

Desse modo, a raça de equino crioulo também é um elemento aglutinador entre as culturas do Rio da Prata. Assim, o papel dos cavalos na região oscilou ora servindo como instrumento para o apresamento do gado bovino xucro e para percorrer as extensões territoriais ora como um “meio de transporte e recursos para a guerra, dentre outros empregos” (RIBEIRO, 2011, p. 118). Ademais, estes animais possuem um importante significado

(SCHLEE, 2019a, p. 193).

regionalmente, visto que estão inseridos dentro da vida cotidiana do homem do campo que, por conseguinte, tornou-se um elemento de valoração.

Quadro 01: Elementos compartilhados entre o Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai

ELEMENTOS COMPARTILHADOS ENTRE O RIO GRANDE DO SUL, ARGENTINA E URUGUAI				
Tipo	Elemento	Argentina	Rio Grande do Sul	Uruguai
Naturais	Bacia do Rio da Prata	X	X	X
	Aquífero Guaraní	X	X	X
	Bioma Pampa	X	X	X
Econômicos	Pecuária	X	X	X
	Agricultura	X	X	X
	Produção de Erva Mate	X	X	
Sociais	Churrasco ou <i>Assado</i>	X	X	X
	Consumo do chimarrão ou <i>mate</i>	X	X	X
	Criação de equinos	X	X	X
	Portunhol		X	X
	Bombacha	X	X	X
	Poncho	X	X	X
	Milonga	X	X	X
	Malambo	X	X	X
	Chamamé	X	X	

Fonte: Elaborada pela autora.

Em resumo, esses elementos naturais, sociais e culturais esculpiram as relações internacionais regionais entre os gaúchos, argentinos e uruguaios que iniciou, em sua maioria, nos campos dos pampas e, progressivamente, adentrou as unidades dos núcleos urbanos, transformando em elementos de tradição. Desse modo, esses elos pampeanos ganharam valor tanto material quanto simbólico no interior dessas sociedades, representando laços presentes no imaginário regional dos indivíduos e de seus antepassados (HOWES NETO, 2009). Entretanto, somente os valores culturais comuns não foram suficientes para a manutenção de uma zona de paz nos pampas. Desse modo, há uma dualidade entre esses vizinhos que

ora compartilhavam tradições comuns ora peleavam¹⁵ para defender seus interesses.

5 OS CONFLITOS EM SOLO PAMPEANO

A dualidade da posição geográfica do Rio Grande do Sul permitiu, por um lado, um relacionamento próximo com as províncias vizinhas que, consequentemente, corrobora a necessidade de políticas públicas de integração regional; e, por outro, sua posição de gargalo entre os governos imperiais de Portugal e Espanha, proporcionaram uma “região fronteiriça suscetível de embates militares” (SOUZA, FIOREZE, SILVA, 2005, p. 15266). A explicação para essa dicotomia é que a formação do estado, visto que a região é envolvida por interesses e domínios conflitantes que, por conseguinte, impuseram estratégias de militarização dos limites territoriais.

Segundo Teixeira e Anselmo (2012), Portugal em virtude de seu projeto de interiorização do subcontinente sul-americano apostou em uma militarização da região sul da colônia, voltada tanto para construção de fortificações e empreendimentos militares quanto pelo armamento da população. Desse modo, ao longo dos séculos, a estrutura social foi formada em torno das grandes estâncias, possibilitando que “o colono era também o soldado, defendendo sua estância e o território da colônia” (TEIXEIRA, ANSELMO, 2012, p. 321). Assim, a posição geográfica do estado deu aos gaúchos “o árduo papel de ser o eterno vanguardeiro de nossa dignidade cívica e a manifestação de arrojos de audácia na preservação das fronteiras” (GOULART, 1985, p. 54-55, *apud* SOUZA, FIOREZE & SILVA, 2005, p. 15266). Boa parte dos conflitos militares envolviam o domínio efetivo das terras, sendo estas definidas por alguns tratados: o Tratado de Tordesilhas (1494), o Tratado de Madrid (1750), o Tratado de Santo Ildefonso (1777) e o Tratado de Badajós (1801). Desse modo, os domínios territoriais iniciaram no final do século XV e estenderam ao longo dos séculos seguintes com formulações, revisões e entraves a respeito das posses.

A primeira negociação entre as Coroas foi o Tratado de Tordesilhas, que em virtude da inexatidão das coordenadas geográficas do ponto de partida, as 370 léguas de Cabo Verde, abriu brechas para diferentes entendimentos em relação aos domínios portugueses. Conforme mencionado anteriormente, o interesse português pelo sul da colônia tardou. Contudo, isso “não se traduziu em extremo imobilismo por parte dos conquistadores lusitanos para com a sua colônia, sendo ela somente preterida e não esquecida dentro da estratégia global que Portugal mantinha nesse momento” (TEIXEIRA,

15 O mesmo que lutar, brigar, combater. Ver Schlee (2019).

ANSELMO, 2012, p. 322). Assim, inicialmente, a disputa se concentrou, principalmente, entre as populações que foram sendo estabelecidas, em especial, na figura dos jesuítas. Os missionários a serviço apesar de servirem ao mesmo centro político, Roma, possuíam diferentes percepções, visto que:

[...] Os jesuítas lusos defendiam os interesses portugueses que se concentravam especialmente na conquista definitiva das terras ao norte do rio da Prata. Por sua vez os jesuítas espanhóis, liderando os índios missioneiros e apoiando os castelhanos, ajudavam a expulsar os portugueses das terras que consideravam como espanholas. [...] (AZEVEDO, 2004, p.12 *apud* TEIXEIRA, ANSELMO, 2012, p. 323).

Desse modo, a imprecisão dos limites territoriais possibilitou a configuração de uma região de demarcações questionáveis e com intensas rivalidades entre si. Não obstante, Portugal para permanecer com suas posses contou com uma grande estrutura militarizada que vão desde fortificações até a utilização de estâncias de caráter defensivo, formando a famosa elite estancieira militar que se apropriou da terra, do rebanho e da defesa territorial (PANIAGUA, COLVERO, PINTO, 2015).

Sob esse cenário de crescente militarização ocorreu a segunda tentativa de definir os limites territoriais e cessar os conflitos regionais, o Tratado de Madri, em 1750. Nessas negociações surge, do lado português, a figura do diplomata Alexandre de Gusmão que propõe a utilização do princípio de *uti possidetis* para a determinação das terras em litígio. Contudo, a validade do Tratado de Madri foi de apenas 11 anos, sendo substituído pelo “Tratado de El Pardo e uma série de novos e intensos conflitos, onde a militarização prévia desse território se fez valer mais uma vez na defesa do território português e favorecendo também a colonização” (TEIXEIRA, ANSELMO, 2012, p. 326). Desse modo, a região volta a ser zona de conflito tanto a serviço do governo central quanto liderado pelas populações estancieiras locais.

Foi sobre esse clima de tensão, disputas e definição de limites que o estereótipo do ser gaúcho como um homem viril e preparado para a guerra foi sendo moldado, haja visto que possibilidade de conflito eram quase sempre iminentes, impondo uma dinâmica de vida militar que era atrelada aos trabalhos nos campos. A estabilidade da região é retomada com a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, em 1777. Contudo, em 1801, este sofreu retificações com o Tratado de Badajós. Ambos, marcam um novo capítulo dos conflitos em solo pampeanos, visto que a partir de então boa parte dos domínios portugueses foram efetivados. Entretanto, os conflitos não

cessaram por completo, ao contrário saíram da ótica imperial e passaram para a perspectiva dos recém Estados-nações que se formavam na região.

A independência da Argentina dos domínios espanhóis, em 1818, e do Brasil, em 1822, não significou o fim das rivalidades políticas na região. Isso porque, o Brasil permaneceu governado pela monarquia portuguesa que compreendia que os territórios localizados do lado oriental do Rio da Prata eram “um prolongamento natural de seu território” (PANIAGUA, COLVERO, PINTO, 2015, p. 3). Desse modo, o governo lançou o projeto expansionista de anexação da região, nomeando-a como Província Cisplatina. Essa política encontrou resistência do governo argentino que promoveu disputas com os portugueses de 1825 a 1828 como forma de apoiar a independência do Uruguai em relação ao recém Estado brasileiro. O desfecho do conflito se deu com a arbitragem da Inglaterra que concluiu que o território reconhecido pelo Brasil como Província Cisplatina não pertencia a nenhuma das nações em litígio, levando assim à criação da República Oriental do Uruguai com a assinatura do Tratado de Montevideo.

Entretanto, a perda da Província Cisplatina não foi bem recebida pela elite estancieira gaúcha que se revoltou contra a hegemonia política do sudeste que, de acordo com os líderes, colocava o território do atual estado do Rio Grande do Sul “em segundo plano, como uma economia subsidiária e subjugada aos interesses centrais do Império Brasileiro” (PANIAGUA, COLVERO, PINTO, 2015, p. 5). Desse modo, eclodiu, em 1835, a Revolução Farroupilha que demonstrou o descontentamento da elite militar local com as políticas econômicas e fiscais do Império. Ademais, esse é o episódio que o escritor Erico Verissimo se refere, visto que nesse momento levantou-se a possibilidade de separação da região do restante do país.

Outro conflito desencadeado na região foi a Guerra do Prata, em 1851, que levou a aliança entre Brasil e Paraguai contra Argentina e Uruguai. Este foi desencadeado em virtude da possibilidade levantada pelo governador da província de Buenos Aires, Juan Manuel de Rosas, de restaurar o antigo Vice-reinado do Prata. Esse movimento foi considerado pelo Império do Brasil “um risco não só as fronteiras da Província do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul, como o comércio pelos rios Uruguai e Paraná” (PANIAGUA, COLVERO, PINTO, 2015, p. 9). Desse modo, esse conflito foi mais um momento da história que as forças regionais da Bacia do Rio da Prata estiveram em lados opostos devido a interesses conflitantes.

Por fim, pode-se citar o conflito mais sangrento que envolveu o Cone Sul, a Guerra do Paraguai. Esta guerra contou com a aliança da Tríplice Aliança formada pela Argentina, Brasil e Uruguai com o intuito de “combater o expansionismo paraguaio nos territórios brasileiro e argenti-

no” (TEIXEIRA, ANSELMO, 2012, p. 327). Destarte, esse conflito foi mais um exemplo que os confrontos que envolveram os atores da Bacia da Prata, quase sempre, alternavam as alianças e os adversários, demonstrando a multiplicidade de interesses na região. Entretanto, é importante destacar que, segundo Teixeira e Anselmo (2012), em boa parte dos conflitos, as tropas do Rio Grande do Sul tiveram grande importância, uma vez que a estratégia de fortificações e utilização das estâncias como base de soldados serviu como uma sustentação da atuação brasileira na região.

Em resumo, segundo Cervo e Bueno (2002), a relação do Império do Brasil (pós-1822) para a região platina pode ser dividida em três fases: de 1844 a 1852 com a política intervencionista de forma direta; de 1852 a 1864 pela retomada das atividades comerciais com os países do Rio da Prata; e, por fim, de 1864 a 1878 pela intervenção militar que finalizou com a guerra contra o Paraguai. Tais conflitos, guerras e rivalidades contribuíram para a formação de um espaço marcado por bases militares, as quais perduram até os dias atuais. Isso porque, embora ao final do século XX os países vão buscar uma maior aproximação, há a eminência das divergências que podem levar a eclosão de conflitos. Desse modo, a história dos pampas é marcada tanto por elementos de semelhanças quanto por rivalidades entre povos. Assim, as relações internacionais regionais ora são marcadas por cooperação ora por divergência e conflito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A posição geográfica e estratégica da unidade federativa do Rio Grande do Sul propiciou uma relação de proximidade com a cultura argentina e uruguaia. Se traçar uma linha reta, desconsiderando as malhas ferroviárias e rodoviárias existentes, obtemos que a distância entre a capital gaúcha, Porto Alegre, à capital uruguaia, Montevidéu, é de aproximadamente 700 quilômetros. Já de Porto Alegre a Buenos Aires, capital argentina, a distância se amplia em apenas 100 quilômetros em relação à anterior. Se utilizar o mesmo método para medir a distância de Porto Alegre à capital do Brasil, Brasília, encontra-se o valor aproximado de 1600 quilômetros. Logo, é possível observar que elementos da geografia física serviram como facilitadores e indutores para a construção de valores culturais comuns na região.

Mesmo se medirmos a distância de Porto Alegre às antigas capitais do Brasil, Salvador e Rio de Janeiro, respectivamente, é de aproximadamente de 2300 quilômetros e 1100 quilômetros, ou seja, os centros urbanos, políticos e comerciais da Argentina e do Uruguai são mais próximos para o estado do que para muitos centros brasileiros. Dessa forma, a distância calculada em quilômetros do centro político e comercial do Rio Grande do

Sul para tanto o seu homólogo na Argentina quanto no Uruguai é inferior que para Brasília. Esses fatores permitiram o desenvolvimento de laços culturais entre o Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai que, consequentemente, gerou socialmente um sentimento de pertencimento e necessidade de integração com os países vizinhos.

Os sul-rio-grandenses possuem várias semelhanças com os argentinos e os uruguaiois, sendo visualizado em diversos âmbitos. São vários os elementos de identificação regional, por exemplo, a formação agropastoril, a forma de povoamento e o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai. Isto, por sua vez, permitiu que a região do pampa fosse compreendida como “um país com três bandeiras”. Desse modo, a formação do estado gaúcho e a configuração dos elementos pampeanos, ainda com a ocorrência de conflitos bélicos, permitiram a consolidação no âmbito social de uma identidade cultural regional cujo possibilita não somente a pacificação do pampa no final do século XX, mas, sobretudo, que o Rio Grande do Sul seja o caminho da integração do Brasil com a Argentina e o Uruguai.

REFERÊNCIAS

- ABCCC. **História do cavalo crioulo**. Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos, c2022. Disponível em: <<https://www.cavalocrioulo.org.br/studbook/historia>>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- ALMEIDA, Eliane Moreira de; GROSSI, Patrícia Krieger. A representação da mulher no tradicionalismo gaúcho: estereótipo e subversão. **Anais do IV seminário internacional de políticas públicas, intersectorialidade e família**, out. 2019. Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/sipinf/assets/edicoes/2019/artigo/20.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- BAUER, Rodrigo; HARDEN, Fabrício. Pampa. In: MARTINS, Joca. **Pampa**. Local: Mega Tchê, 2008. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/joca-martins/1483856/>>. Acesso em: 8 mai. 2022.
- CERVO, Amado e BUENO, Clodoaldo. **História da Política Exterior do Brasil**. 2ª. Brasília: Ed. UnB, 2002.
- DJENDEREDJIAN, Julio C. La colonización agrícola en argentina, 1850-1900: problemas y desafíos de un complejo proceso de cambio productivo en santa fe y entre ríos. América Latina en la Historia Económica. **Revista de Investigación**, n. 30, 2008. Disponível em: <<https://www.re-dalyc.org/pdf/2791/279124240004.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

- Disponível em: <https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2022.
- GERHADT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.) Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derado05.pdf>> Acesso em: 11 mai. 2022.
- HOWES NETO, Guilherme. **De bota e bombacha: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6200/HOWES%20NETO%2c%20GUILHERME.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- INCHAUSPE, Pedro. **La tradición y el gaucho: ensayo y antecedentes**. Buenos Aires: Guillermo Kraft, 2011.
- LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Nativismo**: Um fenômeno social gaúcho. Porto Alegre: L&pm, 1985.
- LIMA, Lucas Carlos. Uti Possidetis Juris e o Papel do Direito Colonial na Solução de Controvérsias Territoriais Internacionais. **Sequência**, n. 77, nov. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/seq/a/C6DNqHy-tRkJzPz6ZvKSLXdx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- LUVIZOTTO, CK. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/kkf5v/pdf/luvizotto-9788579830082-03.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- MAEDER, Ernesto J. A. **Manual de historia argentina colonial**. Resistencia-Chaco, Instituto de Investigaciones Geohistóricas (IIGHI) CONICET - UNNE, 2018. Disponível em: <<https://iighi.conicet.gov.ar/wp-content/uploads/sites/29/2020/04/Libro-Cuadernos-Docentes-Nº-10-Definitivo-compressed.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- MURADÁS, Jones. **A geopolítica e a formação territorial do sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15718/000682253.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2022.
- NOVELLI, Guilherme. **Malambo: o sapateio gaúcho**. Companhia Editora de Pernanbuco (CEPE), 15 de dezembro de 2015. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/180/malambo--o-sapateado-gaucho>>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- NUNES, Bruno Blois; JESUS, Thiago Silva de Amorim. A Milonga e o Pampa:

- atravessamentos culturais entre Brasil, Argentina e Uruguai. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, 2019. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/7036/1/A_Milonga_e_o_Pampa.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2022.
- PACHECO, Gimena. Malambo: ¿solo una danza?Articulaciones de sentido entre música, memoria e identidad(es). **Revista latinoamericana de estudios em musica popular**, 2021. Disponível em: < <https://contrapulso.uahurtado.cl/index.php/cp/article/view/73/37>>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- OLIVEN, Ruben George. O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controversa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.3, n.9, 1989. Disponível em: <http://anpocs.com/images/stories/RBCS/09/rbcs09_01.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2022.
- OLIVEN, Ruben George. Rio Grande do Sul, um estado de fronteira. **Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise**, 2021. Disponível em: <https://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=802>. Acesso em: 18 mai. 2022.
- REAL DE AZUA, Carlos. **Uruguay, una sociedad amortiguadora?** Ediciones de la Banda Oriental, 1984.
- PANIAGUA, Edson Romario Monteiro; COLVERO, Ronaldo Bernadino; PINTO, Muriel. A geopolítica e a política externa do Império brasileiro na região platina no século XIX (1844 – 1864). **Estudos históricos**, 2015. Disponível em: <<https://estudioshistoricos.org/15/eh%201507.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- RIBEIRO, Wagner Costa. Aquífero Guaraní: gestão compartilhada e soberania. **SciELO**, Estudos Avançados, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/cfC3GfPDzvRNWkLqdLsLwnN/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- RIBEIRO, Edgard Telles. **Diplomacia cultural**: seu papel na política externa brasileira. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Cultura. **Grito do Chamamé**. Projetos Culturais, agosto de 2011. Disponível em: < http://www.procultura.rs.gov.br/ver_projeto.php?cod=9452>. Acesso em 20 jul. 2022.
- RIO GRANDE DO SUL. **Altas Socioeconômico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, Departamento de Planejamento Governamental, 5 Ed., 2020. Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/edicao>>. Acesso em: 01 jul. 2022.
- SALEH, Francys Peruzzi. Bombacha: o símbolo da identidade gaúcha. **Mo-daPalavra** e-periódico, 2015. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/>>

- pdf/5140/514051496009.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. **Dicionário da cultura pampeana sul-rio-grandense**: volume I. Pelotas: Fructos do Paiz, 2019a.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. **Dicionário da cultura pampeana sul-rio-grandense**: volume II. Pelotas: Fructos do Paiz, 2019b.
- SOARES, Paulo Sergio Moreira; SANTOS, Maria Dionísia Costa dos; POSSA, Mario Valente. **Carvão Brasileiro: tecnologia e meio ambiente**. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2008. Disponível em: <http://mineralis.cetem.gov.br/bitstream/cetem/2039/1/carvao_brasileiro_tecnologia_e_meio_ambiente.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- SOUZA, Eva Joelma Pires de; FIOREZE, Zélia Guareschi; SILVA, Ana Maria Radaelli da. A construção do território do Rio Grande do Sul: uma visão da revista do IHGRGS. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2005. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Ordenamientoterritorial/56.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- STURZA, Eliana. Portunhol: língua, história e política. **Gragoatá**, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33621/19608>>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- TATSCH, Juliane. O contato de línguas na Tríplice Fronteira do Rio Grande do Sul: o caso do linguajar gaúcho. **Ideação**, 2011. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/5247>> . Acesso em: 20 jul. 2022.
- TEIXEIRA, Vinicius Modolo; ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza. A militarização da região sul do Brasil como estratégia portuguesa de apropriação. **Caminhos de Geografia**, 2012.
- VERISSIMO, Erico. Um romancista apresenta sua terra. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto; BISSÓN, Carlos Augusto. **Nós, os gaúchos** 2. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p. 242-251.
- ZAMBERLAN, Luciano *et al.* Do Churrasco à Parrilla: Um Estudo Sobre a Influência da Cultura nos Rituais Alimentares de Brasileiros e Argentinos. **XXXIII Encontro da ANPAD**, 2009. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/45/MKT2833.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Recebido em: 13/07/2023

Aceito em: 02/11/2023